

REDE PÚBLICA OU PRIVADA? MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DE ESCOLA POR FAMÍLIAS DE CAMADAS POPULARES E NOVA CLASSE MÉDIA¹

Marluce Souza de **Andrade** – PUC-Rio

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar os fatores considerados por famílias pertencentes às camadas populares e nova classe média na escolha de escola para os seus filhos, a partir da análise de 16 entrevistas, realizadas no município de Duque de Caxias na baixada fluminense, com 8 famílias que optaram por uma escola pública estadual e 8 que optaram por uma escola privada. Encontramos três diferentes motivações para a escolha do estabelecimento de ensino entre o grupo pesquisado: escolhas de ordem pragmática (proximidade, estrutura física da escola e custo das mensalidades); escolhas voltadas para melhoria de vida e ascensão social (valorização do prestígio e qualidade da escola, longevidade escolar e maior qualificação para o trabalho) e escolhas voltadas para a transmissão de valores morais e éticos (respeito ao próximo, submissão às regras, e cordialidade). Um dado que emergiu como significativo foi a valorização segurança, disciplina e controle dos alunos.

Palavras chave: escolha de escola; escolarização da camada popular e da nova classe média; escola pública e privada.

REDE PÚBLICA OU PRIVADA? MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DE ESCOLA POR FAMÍLIAS DE CAMADAS POPULARES E NOVA CLASSE MÉDIA

Este trabalho tem por objetivo analisar fatores considerados por famílias pertencentes a camadas populares e nova classe média na escolha de um estabelecimento de ensino público ou privado para os filhos. A problemática proposta é

¹ “Nova classe média” é um termo utilizado por Neri (2010) para classificar o grupo de pessoas que ascendeu no período de 2003 a 2009 das chamadas classe D e E à classe C. Souza (2010) prefere situar esse grupo como “*classe batalhadora*”, dado suas características peculiares de ascensão pelo esforço e valorização do trabalho.

referente ao campo da Sociologia da Educação no qual ao longo dos anos a temática da escolarização das camadas populares vem sendo extensamente explorada (FORQUIM,1995). Todavia, com o movimento de ascensão dos setores populares nos últimos doze anos, esse campo ganha novas questões, como a possibilidade da escola privada para quem antes só tinha acesso à rede pública de ensino.

Para esse trabalho, foi considerada parte de uma pesquisa mais ampla realizada junto a 160 pais de alunos matriculados no 6º ano do ensino fundamental², 100 em uma escola pública estadual e 60 em uma escola privada³. Ambas as escolas gozam de prestígio social e estão situadas em bairros vizinhos considerados nobres na cidade de Duque de Caxias. Foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com as famílias e junto à equipe pedagógica⁴ versando sobre os motivos de escolha da escola, as concepções que as famílias possuem sobre o ensino e as expectativas que têm em relação ao futuro que advém do processo de escolarização de seus filhos. Dado o espaço para o desenvolvimento do trabalho, o recorte remete apenas à análise das entrevistas com as famílias, oito que optaram pela escola pública e oito que optaram pela escola privada.

As escolas para a pesquisa foram escolhidas após definidos alguns critérios e a observação de características comuns entre elas. Eram escolas que gozavam de prestígio na cidade onde estão localizadas, frequentadas pelas camadas populares, atendiam acima de mil alunos, ofereciam o ensino fundamental completo, possuíam mais de uma turma de sexto ano do ensino fundamental com um quantitativo igual ou superior a trinta alunos, portanto, escolas consideradas de grande porte para a cidade. Esses critérios foram estabelecidos para viabilizar a pesquisa, que tinha como objetivo estabelecer relações entre dois grupos de condições socioeconômicas semelhantes em duas realidades distintas: escola pública e escola privada.

² O 6º ano do ensino fundamental tem sido apontado pela literatura como uma etapa de transição na vida escolar, na qual os pais tendem a investir com vista ao sucesso nas demais fases da trajetória escolar de seus filhos.

³ Denominados respectivamente com nomes fictícios: “Instituto Terra” e “Escola Fogo”, para preservar seu anonimato, assim como foram alterados os nomes das pessoas e de outras instituições escolares que aparecem ao longo do texto.

⁴ Retorno de 50 questionários entre as famílias da escola pública e 33, entre as famílias da escola privada. Realização de 16 entrevistas junto às famílias e 2 junto à equipe pedagógica.

As entrevistas ocorreram preferencialmente nas casas dos entrevistados⁵ – o que nos permite maior possibilidade de interação com os mesmos, além da observação das condições de moradia – e no colégio, em espaços reservados, solicitados previamente à direção da instituição, no caso de cinco entrevistados que preferiram não nos conduzir à sua residência, três da escola pública e dois da escola privada.⁶

MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA

A partir da análise da fala dos entrevistados à luz da teoria, foi possível perceber três diferentes motivações para a escolha do estabelecimento de ensino entre o grupo pesquisado: escolhas de ordem pragmática (proximidade, estrutura física da escola e custo das mensalidades), escolhas voltadas para melhoria de vida e ascensão social (qualidade e prestígio da escola, longevidade escolar e qualificação para o trabalho) e escolhas voltadas para a transmissão de valores morais e éticos (respeito ao próximo, submissão às regras, e cordialidade).

Escolhas de ordem pragmática

A literatura vem nos apontando que os pais menos escolarizados pertencentes a setores mais empobrecidos da população, tendem a adotar critérios funcionais como proximidade da residência e facilidade de transporte público, presença de outros filhos na escola entre outros (NOGUEIRA, 2011), no entanto, observamos que quando estes critérios estão presentes nas falas dos entrevistados, não são tomados de forma absoluta, estão quase sempre relacionados a outros fatores. Por exemplo, a proximidade da residência apresentou-se um critério interligado às condições financeiras da família. Algumas famílias escolheriam outras instituições escolares para seus filhos, mas, se apoiam no critério proximidade por não terem tempo de acompanhar seus filhos a lugares mais distantes ou não terem dinheiro para custear um transporte escolar.

É possível que o fato do grupo entrevistado se encontrar em transição entre as camadas populares e a nova classe média interfira na eleição desses critérios mais funcionais para a escolha da escola de seus filhos. Das dezesseis entrevistas com os pais, seis deles (cinco da escola privada e um da escola pública) tomaram como fatores primordiais critérios de ordem mais prática.

⁵ Apenas mulheres quiseram conceder entrevistas, excetuando dois homens cujos filhos estudam na escola pública.

⁶ As justificativas para não realização da entrevista na moradia foram indisponibilidade de horário e vergonha pelas condições da residência.

Proximidade

A escolha pela proximidade não foi considerada importante entre os pais da escola pública. Entre as famílias da escola privada, a escolha pela proximidade se deu em dois casos com uma série de semelhanças entre si. São famílias formadas por pais casados com apenas uma filha, cujas mães exercem a profissão de manicure. Ambas preferiram que as entrevistas fossem feitas no colégio, ainda que morassem muito próximo a escola. O pai de uma dessas famílias é porteiro (trabalhava na escola até o ano anterior e encontra-se desempregado) e o outro é aposentado. Fátima, esposa do porteiro possui o ensino médio e Marta não concluiu o ensino fundamental.

“Eu escolhi não é por que seja de fama, mas é perto e meu irmão já estudou aqui [...] Eu não tenho muito a falar não, né... [...] até porque é perto e ela [a filha] tinha cinco anos, era muito novinha e eu fui deixando e ela está aqui até hoje.” (Marta)

“O pai dela até tem uma ex-cunhada que tem uma escola e me ofereceram para estudar lá de graça, mas era muito longe, mais longe que aqui, aí eu também não tenho uma saúde muito boa, nesse sol... Aqui não, é só atravessar que eu já estou aqui. É bem mais próximo e na época o pai dela trabalhava aqui também, né.” (Fátima)

Nesses dois casos, embora a proximidade tenha sido a principal motivação para a escolha da escola, houve ainda o fator familiaridade com a escola devido ao fato de um parente de Marta ter estudado na instituição e o esposo de Fátima ter sido um funcionário da escola, aproximando as relações sociais entre família e escola.

A proximidade apareceu como um critério secundário para três outras famílias de alunos da escola privada. Vanessa (professora da instituição), Maria Inês (assistente social desempregada) e Ana Carla (recepcionista e comerciante).

No caso de Maria Inês a proximidade está relacionada à boa fama da escola: *“Eu coloquei lá no Colégio Fogo por indicação de vizinhos e por ser uma escola próxima.”*

Ana Carla, visitou várias escolas próximas a sua residência em busca, segundo ela, “do melhor que agente pode dar”, demonstrando que para além da proximidade seus critérios se estendiam à qualidade das instalações e ao preço da instituição. *“Depois dentro das minhas possibilidades financeiras e também de distância né? Aí o lugar que eu achei mais perto, foi lá, aí fiquei entre o Colégio Fogo e o Colégio Gloria.”*

Para Vanessa – mãe e professora na escola privada – o critério proximidade não se refere à distância de sua casa, mas ao seu local de trabalho e ao seu controle direto sobre

a vida escolar de seus filhos. Segundo Nogueira (2011), ser professor faz diferença na escolarização dos filhos. Uma das razões é a rede social na qual o professor está incluído. Ele conhece, como nenhum outro pai, os professores do seu filho e tem acesso privilegiado a informações a respeito do aluno: *“A gente [o grupo de professores] troca: ‘E aí ele tá sentando na frente? Ele tá prestando atenção? Deixou de fazer alguma atividade?’ ”* (Vanessa)

Além de acesso direto a questões escolares, como professora da escola, Vanessa viu na possibilidade de matricular seus filhos na mesma instituição em que trabalha a oportunidade de exercer sobre eles maior vigilância e controle a respeito das amizades: *“Eu estou ali a par da situação, a par das amizades, a par dos olhares, das conversas e eu consigo controlar isso muito bem”*.

Portanto, através dos três casos em que a escolha pela proximidade foi um fator secundário, é possível pensar que eleger uma entre as escolas próximas do local de residência pode ter mais razões do que aparenta à primeira vista, e apesar de ser uma decisão prática, pode esconder outras motivações.

Estrutura física da escola

Duas mães, entre as dezesseis entrevistadas demonstraram preocupação com a estrutura física da escola ao falarem sobre o processo de escolha de escola. Ambas da escola privada: Ana Carla e Berenice.

Ana Carla, disse que a estrutura física foi o que mais pesou quando se encontrou indecisa na escolha entre duas escolas privadas:

“As instalações, porque eu achei o Gloria assim... Como é que eu vou te explicar? As instalações eram muito antigas e o banheiro tinha um murinho assim escondendo. E naquela época já tinha negócio de molestar a criança. Aquele negócio todo era falado. Então eu fiquei com medo de um aluno maior está molestando o Tarcísio; eu achei que o Colégio Fogo era mais amplo, mais aberto. Que dá para você ficar visualizando as crianças, qualquer coisa... Acabou que eu coloquei no Colégio Fogo.” (Ana Cristina)

Esta fala demonstra que por trás da decisão da estrutura física há também uma preocupação com a segurança do aluno. Já Berenice, associa a estrutura ao conforto:

“Naquela época foi lugar que a gente mais gostou do ambiente, o que conta muito é o ambiente também para a criança, e a turminha deles não tinha aquela quantidade grande de criança. Para a professora tomar conta de crianças é melhor menos do que mais.”

Essa mãe julga que quanto mais crianças na sala de aula, menos atenção seu filho receberá. No relato ficou claro que foi esse o fator que a afastou da escolha da escola pública.

Custo da mensalidade

O fator custo se revelou importante, pois, ainda que de origem prática, apresenta-se como limitador de outras motivações para a escolha da escola. Ou seja, para algumas famílias embora não seja o custo o primordial na escolha de uma escola é o essencial para sustentá-la.

“Olha, o que eu vejo primeiro é a disciplina dos professores com os alunos, a estrutura da escola é muito importante, o local e o custo, né? O custo conta muito.” (Rebeca, escola privada).

No caso de Rebeca, inicialmente o custo não pareceu ser o fator principal, pois, ele aparece por último em seu discurso. Mas, se torna o fator determinante, quando ela diz que retirou sua filha de um colégio onde ela gostava da estrutura e da disciplina, para colocar em outro mais barato: *“Mas o ‘Princesinha’ é muito caro, (...) quando eu tirei ela do ‘Princezinha’, o preço que eu pagava no ‘Princezinha’ eu fui pro Colégio Fogo, eu paguei a metade.”*

Entre os pais da escola pública, o custo só apareceu como um fator primordial para dona Zélia, uma senhora, que cria dois netos e não teve condições de mantê-los na escola privada onde estudavam:

“Ele estudava no Mota Sobrinho [escola municipal] e depois a mãe tirou pra colocar ali naquele colégio da Itatiaia [...] Era particular. Estudava no particular, aí conseguiu essa vaga no Instituto Terra, graças a Deus não demorou muito porque ia passando de ano ia ficar mais difícil [...] Porque, eu sou viúva, moro de aluguel, crio os dois e a despesa é muito grande, então, a menina conseguiu a vaga no Instituto Terra, graças a Deus, conseguiu a vaga para o outro[irmão] também.” (Zélia, escola pública)

Para os demais pais da escola pública, embora o preço não tenha aparecido de imediato, dada a gratuidade da instituição, ao perguntarmos sobre as razões da escolha, ao longo das entrevistas a questão econômica emerge inúmeras vezes, principalmente quando perguntamos sobre outras opções de estabelecimento de ensino, ou sobre a escola ideal para a escolarização da prole:

“É uma nota [muito caro], mas, a única oportunidade que eu tinha, se eu tivesse eu botava lá, no Vila Lobos [escola privada] . É um colégio também muito severo. Eu não

sei não, nunca fui não. Mas eu tenho pessoas que já estudaram lá, que os filhos ficam lá, e é super... tem televisão, vigia de ponta a ponta. Isso é muito importante. As crianças são muito ali. [exprimindo rigidez com a face e com gestos]” (Antônia, escola pública)

Para Bourdieu as ambições estão relacionadas às condições econômicas e o êxito no investimento depende da consciência no uso racional das estratégias. Na citação abaixo, Bourdieu nos convida a refletir sobre as reais condições de escolha das famílias menos favorecidas, dadas as limitações materiais objetivas pelas quais passam:

“A propensão prática e, por razão ainda mais forte, ambição consciente de apropriar-se do futuro pelo cálculo racional, dependem estreitamente das chances – inscritas nas condições econômicas presentes – de conseguir tal apropriação. A competência exigida pela “escolha” das melhores estratégias objetivas (por exemplo, a escolha de uma aplicação financeira, de um estabelecimento escolar ou de uma carreira profissional) é repartida de modo muito desigual, uma vez que varia quase exatamente como o poder do qual depende o êxito dessas estratégias.” (BOURDIEU, 1998 p. 88)

Portanto, o capital econômico exerce duas formas de interferência no processo de escolha da escola. A primeira forma, mais objetiva, seria a limitação de opções de escola pelo valor dos gastos. A segunda forma seria a influência do capital econômico na construção das estratégias objetivas de investimento na escolarização na prole.

De acordo com Neri (2010) a estabilidade do crescimento econômico das camadas populares e nova classe média brasileira, pode ser medida pelo seu grau de capacidade de investir em educação, contudo, a competência necessária para a escolha da escola parece ainda estar distante dessa parcela da população, que só agora, com o crescimento econômico, começa a ter recursos financeiros para escolher (limitadamente) entre o leque de opções disponíveis.

Escolhas direcionadas para a melhoria das condições de vida e a mobilidade social:

As escolhas voltadas para a melhoria das condições de vida são, as principais motivações entre os sujeitos da pesquisa ao matricularem seus filhos em instituições de ensino pública ou privada. Essa “melhoria” diz respeito a representações sociais de sucesso ou prosperidade. Para algumas famílias o sucesso está ligado à aquisição de bens materiais (YACCOUB, 2011), a conquista de um emprego de carteira assinada (NERI, 2010), ou até mesmo à longevidade escolar (VIANA, 2000). Vejamos como essas representações de melhoria de vida apareceram nas entrevistas:

Prestígio e qualidade da escola

A busca por proporcionar aos filhos uma educação diferenciada é um anseio presente na fala de pais que escolheram a escola pública e a escola privada. Entre os pais da escola pública, três demonstram esta pretensão ao escolherem a escola para os seus filhos: Antônia, Gilmar e Maria Clara. E entre os pais da escola privada, uma mãe destacou o peso do prestígio da instituição para a escolha do estabelecimento de ensino: Elizabete.

Para essas famílias matricular seus filhos em uma instituição diferenciada das demais, cuja reputação (COSTA, 2011) é reconhecida socialmente é algo muito importante, pois, no imaginário dessas famílias, ao frequentarem esse tipo de instituição seus filhos gozarão de maiores possibilidades de sucesso escolar.

Segundo as famílias que optaram pelo Instituto Terra, esse colégio apresenta alguns aspectos que o distingue dos demais, como o uniforme, a estrutura física e a organização da escola. Esses elementos ao mesmo tempo em que anunciam a diferença entre o Instituto e as demais escolas estaduais, fazem com que o sentimento de pertencimento e orgulho de grupo se afirme cada vez mais.

“Eu prezo muito aquilo ali, eu já fui em outras escolas e vi crianças tudo com aquelas camisas beges que viram pretas, né? E que não tem uniforme. Lá não, lá tem um padrão, uma identidade. Eu acho que dá uma disciplina porque mesmo que a criança..., o meu filho Bruno é terrível no comportamento, mas eu acho que aquele uniforme ali tem um peso, tem um peso assim. Eu prezo muito, eu gosto muito disso.” (Maria, escola pública)

O prestígio da instituição escolar entre vizinhos, amigos e familiares é uma das motivações para escolha da escola pública, a longa trajetória da instituição e história de egressos bem sucedidos atraem pais pelo sentimento de confiança na unidade escolar.

“Quando eu conheci o Instituto Terra, era um colégio muito rígido, era um colégio muito divulgado, era o melhor colégio estadual do município, não tinha outro, eu só queria estudar ali, todo mundo queria. E eu acho o Instituto Terra bom até hoje. Hoje em dia não é ‘o colégio’, o problema ali é os alunos que não quer estudar [...] mas o Instituto Terra, é tradição.” (Gilmar, escola pública)

Para Gilmar, a eleição do colégio público para escolarização de seu filho se deu através do “nome” que o colégio construiu na localidade, a “boa fama” do trabalho desenvolvido pelos diretores, professores e funcionários:

“O ‘nome’, é a tradição do colégio, por exemplo, uma boa diretora tem uma boa divulgação pro colégio, uma boa inspetora, tem uma boa divulgação para o colégio.(...) É isso, os professores são bons, os funcionários são bons, tem vários amigos meus que se formou por conta daquele colégio ali” (Gilmar, escola pública).

O prestígio também foi a razão da escolha de Maria Inês, que recém-chegada de outro estado, não dispunha de informações suficientes sobre as ofertas de escola disponíveis. Valeu-se do capital social para eleger uma instituição escolar privada que fosse “reconhecida na praça” e que tivesse uma trajetória de formação bem sucedida entre seus alunos:

“Eu morava no Pará, aí meu marido é militar, veio transferido, então você não tem muita..., eu não tinha muita informação assim, dizer que eu li um documento falando, que eu entrei na internet, não. Muitos vizinhos aqui os filhos estudaram lá, muitos estão formados, entendeu? Por ser uma escola que já tem muitos anos na praça.” (M^a Inês, escola privada).

A tradição construída ao longo dos anos é um atrativo para os pais que desejam imprimir na trajetória escolar de seus filhos algum diferencial. Para Costa (2011) *“parece que a reputação é o diferencial atrativo de uma escola. Essa reputação se constrói fundamentalmente pelo perfil do alunado atendido”* (p.254).

O fato de os colégios públicos da cidade em sua maioria se situarem dentro de comunidades carentes faz com que os pais nutram representações negativas dos alunos e dos colégios (ainda que esses pais morem nessas comunidades carentes), levando-os ora a escolherem uma instituição privada, ora a selecionarem entre as escolas públicas de prestígio que ficam fora das comunidades.

Quando questionada sobre a possibilidade de colocar seus netos em uma escola próxima de casa, já que despendia tempo e dinheiro para acompanhá-los até o Instituto Terra, Antônia, demonstra ter no alunado que frequenta a escola, uma das causas para a escolha de um estabelecimento de ensino afastado:

“O que adianta a gente economizar? Botar naqueles colégios lá, que as crianças, não respeitam ninguém [...] Pega a professora! Criança carente da comunidade que às vezes o pai nem no colégio vai! Tu bota seu filho no colégio lá, minha filha!?” (Antônia, escola pública)

As mesmas motivações também levaram Elizabete a escolher uma escola privada, em lugar de escolher uma das escolas públicas de sua comunidade. Para que suas filhas não entrassem em contato com o “colégio da favela”, embora estivessem morando lá.

“É um ensino bom [no Colégio Fogo] e você sabe que o colégio público não é muito bom para essas crianças, né? E aqui mesmo perto eu não tenho colégio nenhum bom, qualificado para essas meninas porque um está dentro da favela o outro está fora da favela, mas chega até a ser pior. Então, para colocar em um colégio que seja longe daqui, é melhor colocar ela no Colégio Fogo até quando conseguir bancar, né? Porque infelizmente a hora que não conseguir mais, a gente vai ter que ir para o colégio público.” (Elizabete)

Ribeiro et. al. investigam *“a hipótese de que os resultados escolares são afetados não só pelos capitais cultural e social baseados na família, mas também baseados na escola e na comunidade mais amplas (vizinhanças, municípios)”* (2010 p. 11)

Portanto, para esse grupo de pais que leva em consideração o prestígio da instituição levando também em consideração a clientela recebida pelo estabelecimento de ensino como fator importante para a escolha.

Longevidade escolar

Diferente das camadas altas e médias tradicionais, para as camadas populares e nova classe média, a extensão do processo de escolarização até o nível superior não é algo dado a priori. (SOUZA, 2010) O histórico de escolarização familiar relatado nas entrevistas, nos mostra que essas famílias possuem uma trajetória escolar descontínua, interrompida pela emergência da necessidade do trabalho.

“[...] qualquer que seja a origem social dos ‘batalhadores’ pesquisados, parece se consubstanciar na transmissão efetiva de uma ‘ética do trabalho’. É importante perceber a diferença com relação às classes médias, em que a ‘ética do trabalho’ é aprendida a partir da ‘ética do estudo’ como seu prolongamento natural. Os batalhadores, na sua esmagadora maioria, não possuem o privilégio de terem vivido toda uma etapa importante da vida dividida entre brincadeira e estudo. A necessidade do trabalho se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o qual deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens como na ‘verdadeira’ e privilegiada classe média.” (SOUZA, 2010, p.51)

No entanto, esses pais desejam para os seus filhos a continuidade dos estudos até o ingresso no mercado de trabalho, almejam que eles cheguem ao ensino superior e através da escolarização e tenham melhores condições de vida do que seus pais. *“Para os brasileiros, o diploma universitário representa, ao mesmo tempo, o símbolo e o instrumento de ascensão social, configurando uma expectativa concreta de aumento substancial de renda.”* (SOUZA e LAMOUNIER, 2010 p.68).

Longevidade escolar é um termo usado por Viana (2000) para denominar a permanência de famílias de camadas populares no sistema escolar até o ensino superior.

No processo de escolha de escola relatado por dois pais a busca pela longevidade escolar foi adotada como critério primordial. Esteves e Antônia, ele motorista e ela faxineira, não completaram a primeira etapa do Ensino Fundamental, mas, almejam que seus filhos progridam em seu processo de escolarização, por isso, os matricularam no Instituto Terra, considerado por eles o melhor colégio público da cidade. Ambos moram distante, e precisam dispor de tempo e dinheiro para acompanhar seus filhos até a escola.

Esteves, embora não saiba nomear o grau de escolaridade desejado para os filhos, espera que essa escolarização se estenda até depois da faculdade, e considera ideal uma escola que pudesse oferecer isso a ele:

“É pra ficar direto. Não teria que ficar se preocupando em mudar, depois que ele concluir o 2º grau, depois vai fazer a faculdade, depois vai pra outro que a pessoa tem que ir, entendeu? Seria ideal ir até a faculdade, entendeu? Isso seria o ideal.” (Esteves, escola pública)

Seu desconhecimento a respeito do sistema de ensino fica evidente quando expressa o desejo de que a escolarização de seu filho siga na mesma instituição até após a graduação, quando há uma tendência de descentralização na rede pública de ensino.

Assim como Esteves, Antônia possui um histórico de baixa escolaridade na família e se empenham para que seus netos, os quais cria como filhos, tenham uma vida escolar mais prolongada:

“Lá em casa todo mundo estudou a oitava série e parou pra trabalhar. Só tinha eu e o pai, né? Pararam. [...] Mas, eles eu quero poxa! E se eles quiserem eu trabalho, para eles não precisarem trabalhar como eu trabalhei, né? Ai pode 'ir', né?” (Antônia, escola pública)

“Poder ir”, na frase acima simboliza dar continuidade à escolarização. A avó, que é a responsável pela vida escolar dos netos, mostra estar disposta até mesmo a realizar sacrifícios financeiros para a continuidade da trajetória escolar de pelo menos um de seus netos:

“Eu quero que eles sejam o que eu não fui. O que ela quiser ser no estudo aí, eu dou a maior força. Eu vou fazer o maior gosto. E vou trabalhar bastante e esse eu tiver que botar eu boto [em uma escola privada] , eu vou pagar por que eu quero, né? Pelo menos um, né? O pai não pôde. Parou de estudar... Pelo menos a Lara [neta] ” (Antônia, escola pública)

Fica claro no discurso de Antônia, que a necessidade do trabalho se impõe diante do desejo de manter os netos estudando. Para que eles tenham uma trajetória escolar de sucesso ela terá que trabalhar ainda mais, mesmo que isso implique em grande sacrifício pessoal. Para Nogueira (2002)

“O ascetismo se caracterizaria pela disposição das classes médias para renunciarem aos prazeres imediatos em benefício do seu projeto de futuro. Essa disposição pode ser claramente ilustrada pelos sacrifícios (renúncia à compra de bens materiais, redução de gastos com passeios etc.) que essas famílias realizam para garantir uma boa escolarização da prole. Esse ascetismo se traduziria, ainda – em termos da forma de educar os filhos –, num ‘rigorismo ascético’, numa valorização da disciplina e do autocontrole, e na exigência de uma dedicação contínua e intensiva aos estudos.” (p. 25)

As falas de Antonia e Esteves demonstram o valor simbólico da educação para as famílias que matriculam seus filhos motivados pela ampliação da sua trajetória escolar. A hipótese é que a escolarização dos filhos seja uma forma de realizar seus próprios anseios, frustrados no passado pela falta de oportunidades de frequentar a escola.

Maior e Melhor Qualificação profissional

Segundo Souza e Lamounier (2010) uma das características da nova classe média brasileira e de famílias com menor renda é a preocupação com a manutenção do emprego para não perder o novo padrão de vida, o qual tem melhorado nos últimos doze anos (NERI, 2010). Por isso, a escolha da escola com vistas à qualificação profissional, pode ser entendida como uma forma de prevenção de futura instabilidade financeira na vida dos filhos.

“Com o estudo você abre um leque, tem muitas possibilidades de ter um emprego melhor de ter uma vida melhor, né? Muitas possibilidades.” (Maria Clara, escola pública).

A impossibilidade de adiar a entrada dos filhos no mercado de trabalho, faz com que os pais, ainda no ensino fundamental, se mobilizem em prol da educação de seus filhos. Por isso, pode-se crer que a chance de obter um “emprego” como professora das séries iniciais tem atraído os pais a procurarem o Instituto Terra, que oferece o Curso de Formação de Professores a nível médio.

“Esse Instituto Terra é muito bom. Tem muitas pessoas que eu conheço que se formaram lá e muitos professores que estudaram lá, se formaram e hoje em dia é até professores lá, né? Então é uma escola muito boa.” (Luana, escola pública)

Para Souza (2010), a intrínseca relação da ‘classe batalhadora’ com o trabalho, está ligada a sua própria constituição, pois, a necessidade do trabalho se impõe precocemente não possibilitando o “privilégio da escolha”:

“Como consequência, salvo exceções, o tipo de trabalho tende a ser técnico, pragmático e ligado a necessidades econômicas diretas. Inexiste o ‘privilégio da escolha’ para os batalhadores. O trabalho e o aprendizado das virtudes do trabalho vão ser, para muitos, a verdadeira ‘escola da vida’.” (p.52)

Portanto, a possibilidade de obtenção de trabalho para as camadas populares e nova classe média, interfere nas decisões sobre a escolarização da prole.

Escolha para a transmissão de valores morais e éticos

Um grupo significativo de pais dão à transmissão de valores éticos e morais uma grande importância ao elegerem o estabelecimento de ensino de filhos. São prezados valores como organização, respeito ao próximo e submissão às regras. Encontramos três possibilidades de explicação para esse tipo de escolha com base no perfil das famílias.

Primeiro, a excessiva carga de trabalho das camadas populares e médias (SOUZA, 2010; SOUZA e LAMOUNIER, 2010) com vistas à ascensão social e/ou subsistência material, afasta cada vez mais os pais de sua autoridade parental, fazendo com que as famílias transfiram para a escola atribuições que lhes são próprias, como as que dizem respeito à cordialidade e às “boas maneiras”.

“A escola é uma continuação. Mas para mim que trabalho fora é o principal. O meu trabalho é onde eu passo o maior tempo. Em casa às vezes chego, muito cansada. Às vezes nem janto e vou dormir. Então eu sei que eu estou pecando com meus filhos [...] Eu sei que eu falho com meus filhos. Eu não estou sabendo aonde consertar. Agora, uma boa escola é onde eu consiga ter uma ajuda. Onde que os alunos tenham assim... atenção (...)” (Regina, escola pública)

Uma segunda explicação para o lugar dos valores na escolha da escola é o papel que a religião desempenha na relação dos sujeitos com o mundo, favorecendo expectativas de transmissão de valores morais e religiosos. Alguns trabalhos tem apontado a necessidade de investigar a relação entre a religiosidade e os valores das camadas populares e nova classe média (SOUZA e LAMOUNIER, 2010), já que a prática da religião tem crescido entre essas camadas.

Bianca, evangélica, quando perguntada a respeito da escola ideal responde:

“O que importa é assim não ensinar só o conhecimento, mas uma parte também assim o religioso. Eu acharia legal também assim, uma escola evangélica, um ensino religioso, que ensinasse as coisas de Deus assim também na escola.” (Bianca, escola privada)

Souza (2010) dedica um capítulo do seu livro “Os batalhadores” a relacionar o pentecostalismo às práticas sociais da “nova classe trabalhadora”, afirmando o poder da religiosidade na constituição social do indivíduo e na sua perspectiva de futuro. Para ele, *“a religião funciona como motivação, como forma de levar adiante a vida, apesar dos sucessivos reveses, como mecanismo regulador das relações interpessoais.”* (p.326)

E em terceiro, o lugar que a escola, principalmente a pública, ocupa no imaginário da população. Um espaço de formação moral, construído desde as expectativas do exercício do magistério como sacerdócio até as novas representações, demandas e desafios da sociedade atual, portanto, um lugar de onde as famílias esperam uma direção e orientação para seus filhos.

Submissão às regras e valorização da organização

O grupo de pais da escola pública pareceu mais preocupado com as questões referentes ao cumprimento de regras e controle dos alunos. Observando a escola escolhida, o Instituto Terra, vê-se que é um colégio que valoriza alguns procedimentos de controle como uso de um uniforme diferenciado, formação dos alunos em filas para cantar o hino nacional, rigidez quanto ao horário e uso do uniforme, etc. Todos, de acordo com as entrevistas, estimados pelos pais.

“Porque eu prezo muito isso que essa escola mantém que é o uniforme, as regras... tudo o que foi falado pela Shirley [diretora] agora na reunião é muito prezado por mim. Que são coisas que a gente não vê nas outras escolas aí de fora. É aluno indo para a escola de shortinho, o palavreado, o comportamento dentro do ônibus... Então eu faço tudo para que eles continuem aqui. Então, eu sempre tive essa escola como uma escola modelo. (...) Tem que saber que tem que estar uniformizado. O horário deve ser cumprido. Entendeu? Está tendo a noção das responsabilidades.” (Regina, escola pública)

Os pais identificam na instituição escolar um local próprio para ‘imprimir’ em seus filhos valores relacionados ao mundo do trabalho. Deste modo, as regras e mecanismos de controle impostos pela escola, respaldados pelos pais, funcionariam como forma de *“in-corporação – tornar-se ‘corpo’ automático – das disposições nada*

óbvias do mundo do trabalho moderno: disciplina, autocontrole, comportamento e pensamento prospectivo.” (SOUZA, 2010 p.51)

Respeito ao próximo

A preocupação dos pais com relação a valores como respeito e cordialidade, está relacionada às transformações que as relações sociais têm sofrido ao longo das gerações. A questão do respeito à autoridade do professor apareceu nas entrevistas de forma entremeada de saudosismo. Os pais se surpreendem com a maneira desrespeitosa de alguns alunos se dirigirem aos professores.

“Acho que é mais respeito. A diferença é que tinha mais respeito, alunos com os alunos, os professores com os alunos. Hoje em dia, se pega uma criança de seis, sete anos que é mal educada, vai xingar a professora dentro da sala de aula. Eu acho que é mais respeito. Em primeiro lugar é isso aí.” (Gilmar, escola pública)

Entre os pais da escola privada valores como o respeito, não foram citados explicitamente como motivadores para a escolha da escola, porém, no decorrer das entrevistas essa questão apareceu de forma recorrente. Ela emergiu em meio ao relato de algumas insatisfações:

“Quer dizer se ele fosse um colégio que investisse no aluno e procurasse saber o que está acontecendo, que tivesse respeito por aquilo que ele está passando. E estava passando bem pior, porque agora graças a Deus [...] ele já está botando a cabeça no lugar. Está deixando as coisas de menino para fazer as coisas de adulto, mas antes não. Então eles tinham que ter essa visão, se eles tivessem feito isso, se eles tivessem procurado ajudá-lo, tivessem buscado ajuda até mesmo com um psiquiatra, com um psicólogo dentro do próprio colégio, isso não teria acontecido, mas eu vou fazer o quê?” (Elizabete, escola privada)

“Aí o que eles fazem? Contratam inspetores, pessoas que não são qualificadas pra lidar com as crianças. Eles ficam: - Ei, ei , ei, ei! É assim que eles chamam a atenção, só gritando. Não fazem com que as crianças tenham respeito por eles, sabe?” (Maria Inês, escola privada)

Para esses pais, diferente dos da escola pública, a demanda por respeito está ligada a relação da escola para com os alunos e não o contrário.

Considerações finais

Como podemos observar após a análise dos motivos de escolha de escola e seus respectivos desdobramentos, é possível concluir que os pais e mães dessas famílias elegem algumas razões centrais para a escolha da escola, enquanto outras razões compõem um conjunto de fatores secundários, nem sempre aparentes, mas presentes nas

representações das famílias sobre a escola. *“Assim, valores religiosos ou pedagógicos, aspiração ao êxito escolar e social, desejo de seletividade nos relacionamentos sociais, entre outros fatores, incidem fortemente sobre a escolha.”* (NOGUEIRA, 1998 p.49). Isso indica a complexidade desse processo para as famílias.

Entre os dois grupos pesquisados existe muita semelhança quanto às expectativas e motivação para a escolha da escola dos seus filhos, ao ponto encontramos famílias das duas escolas nos três principais conjuntos de motivos para a escolha. Contudo, é preciso deixar claro algumas diferenças percebidas ao longo das entrevistas, o grupo dos pais da escola pública é constituído, em geral, por uma camada mais baixa que o grupo dos pais da rede privada, no entanto, esse grupo que tem em seu horizonte a perspectiva da “melhor” escolha entre as restritas opções que seus limites financeiros lhes dispõem. Já o grupo de famílias da escola privada, salvo as diferenças entre si, parecem se encontrar no limiar entre a opção pela rede privada e a pública, tendo escolhido a primeira, a segunda acena como possibilidade bem presente.

Entre os discursos de todos os pais a escola recebeu bastante importância, no entanto, essa importância se destacou sobretudo nos pais que tem suas escolhas direcionadas para a melhoria das condições de vida e a mobilidade social. Para esses, a escolha se constituiu decisiva para o cumprimento de suas expectativas a longo prazo, tais quais empregabilidade dos filhos e chegada ao ensino superior.

Nos chama a atenção também, as escolhas voltadas à transmissão de valores morais e éticos, assim como a preocupação dos pais quanto à segurança, disciplina e controle dos alunos que perpassa os três agrupamentos apontados – nos levando a pensar na importância da realização de outras pesquisas que se aprofundem na influência dos fatores religiosos na escolarização pública e privada das camadas populares, tendo em vista o crescimento dos cristãos na população brasileira, bem como os debates de ordem moral que vem sendo fomentados na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

COSTA, M.; KOSLINSKI, M. C. Quase-mercado oculto: disputa por escolas "comuns" no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 142, abr. 2011

FORQUIM, J. C. Sociologia das desigualdades de acesso à educação: Principais orientações, principais resultados desde 1965. In: FORQUIM, J. C. **Sociologia da Educação: dez anos de pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

NERI, M. C. **A classe média brasileira**: o lado brilhante dos pobres. (coord.) Rio de Janeiro, RJ: FGV/CPS, 2010.

NOGUEIRA, M. A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.1, n. 7, 1998

NOGUEIRA, M. A. e NOGUEIRA, C. M. M.. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. In: **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 78, Abril/2002

NOGUEIRA, M. de O. **Pais Professores e a escolarização dos filhos**. 2011. 264f. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2011

RIBEIRO, L. C. de Q. [et. al.] **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, 2010

SOUZA, A. e LAMONIER, B. **A classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

SOUZA, J. **Os Batalhadores Brasileiros**. A nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VIANA, M.J.B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – Algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, M. A., ROMANELLI, G., ZAGO, N. **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YACCOUB, H. A chamada “Nova Classe Média”. Cultura material, inclusão e distinção social. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 197-231, jul./ez. 2011